

Para continuar no caminho: considerações finais

“Nenhuma política pública pode (...) desconsiderar uma análise crítica do mundo moderno e da experiência humana, social e cultural do homem neste mundo, na medida em que pretenda introduzir mudanças gerar transformações, ou mesmo manter o mundo existente. Assim é fundamental o conhecimento das ‘circunstâncias’ como parte da história humana. Não pode, pois uma política pública pretender instalar o novo deixando de perceber o sempre igual.

Sônia Kramer (1996, p.97)

Esta pesquisa teve como foco central os caminhos percorridos por crianças e jovens no processo de apropriação da experiência mídia-educativa, com o objetivo de identificar, a partir da ótica dos próprios alunos, os significados por eles atribuídos ao que realizavam na escola. Para tanto, a compreensão das crianças e dos jovens como sujeitos históricos, sociais, críticos e produtores de cultura foi assumida como ponto de partida.

O propósito de realizar um estudo *com* e não *sobre* crianças e jovens propiciou o exercício de olhar o outro a partir dele mesmo, na tentativa de encontrar pistas para pensar as seguintes questões: Quem são essas, crianças e esses jovens envolvidos na produção audiovisual que é feita na escola? Que experiências vivenciavam nesse processo? Como avaliavam suas próprias produções audiovisuais?

Tais questões foram abordadas a partir de um diálogo interdisciplinar estabelecido com aportes teóricos de diferentes campos, especialmente, as contribuições da sociologia da infância, os estudos de juventude e mídia e estudos do campo da mídia-educação. O trabalho, de base qualitativa, resultou do desafio de combinar procedimentos da pesquisa participante com um estudo de natureza etnográfica, priorizando as observações dos atores envolvidos, em situações do cotidiano escolar e a proposição de atividades com foco nas interações entre os pares.

Foram cinco meses de trabalho, envolvendo 28 alunos, com idades entre 10 e 15 anos, participantes de duas experiências realizadas em unidades da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, ambas com reconhecida produção nessa área.

A coleta e análise dos dados empíricos apontaram pistas importantes para o entendimento do que pensam e fazem os alunos, percebidos como produtores e espectadores de suas próprias mensagens. Foram identificadas ao longo do trabalho realizadas contribuições próprias e originais das crianças e jovens envolvidos, o que evidencia a necessidade da criação e do fortalecimento de espaços nos quais suas concepções, desejos e aspirações sejam levados em conta e suas vozes sejam ouvidas.

Considerando minha trajetória pessoal e profissional, ressalto que o propósito deste trabalho se traduz no compromisso, por mim assumido, de contribuir com o campo da Educação, a partir da reflexão sobre os modos de ser e de pensar das crianças e jovens na contemporaneidade, no contexto das práticas mídia-educativas desenvolvidas na escola.

Reconhecendo que o tema das mídias está presente em todos os aspectos da vida cotidiana, um dos questionamentos que o estudo me permite levantar refere-se à importância do desenvolvimento de ações e políticas educacionais que levem em conta a necessidade de ampliar a participação ativa e informada das crianças e jovens na cultura das mídias.

Segundo Roger Silverstone (2002),

“A mídia sempre foi parte crucial do processo político, em democracias, mas também tiranias, pois a disseminação e administração da informação são, por sua vez, parte crucial da administração de um Estado nacional. (...) Vivemos em um mundo plural. Compartilhamos nosso mundo com os outros. Esses outros se chamam Simpsons e Ewings, Oprah Winfrey e Dan Leno, Bill Clinton, Tony Blair e Saddam Hussein. Chamam-se bósnios e tútis. São os vizinhos na rua também os anônimos no outro lado do globo. Vivemos com eles em sua diferença, dentro e fora da mídia.” (Silverstone, 2002, p. 268 e 269).

Se as crianças e jovens estão cada vez mais tendo acesso a informações, em imagem e texto, muitas das quais antes restritas aos adultos, e, além disso, estão explorando e se apropriando dos códigos audiovisuais em suas próprias narrativas, o que nos cabe fazer, como adultos e educadores?

Muitos pais, professores e pesquisadores em diversas áreas e campos de atuação têm demonstrado preocupações nesse sentido, na tentativa de encontrar caminhos para entender e lidar com os desafios dessa nova realidade. Não seria, portanto, possível, nem desejável, encaminhar neste estudo uma resposta única e definitiva para o questionamento apresentado. No entanto, considero importante compartilhar alguns aspectos que emergem do olhar da educadora, informado pela experiência do

acompanhamento de escolas no contexto no qual atua, mas também pela ótica da pesquisadora, cuja análise aqui empreendida alimenta e reafirma algumas convicções.

Entendo que a formulação e o desenvolvimento de políticas educacionais que considerem a relevância da presença das mídias no cotidiano das crianças e jovens, não pode prescindir da participação de pais, professores, gestores e alunos. Mais do que propor alternativas para proteger os mais jovens de “um mundo de riscos e perigos”, marcado pela influência das mídias, percebo que tais propostas devem ser orientadas pela necessidade de prepará-los para lidar com um mundo, complexo, múltiplo e multifacetado, para dialogar com ele e dele participar ativamente por direito próprio (Buckingham, 2005, p.285-286). Para tanto, faz-se necessário considerar, entre outros aspectos, a ampliação das condições de acesso à tecnologia e, igualmente, ao capital educacional e cultural necessário para se apropriar dos recursos (técnicos e de linguagem) que ela oferece, de modo crítico e criativo.

Com relação às propostas e ações especificamente voltadas para a produção audiovisual, ressalto que essa perspectiva, a exemplo do que foi observado neste estudo, tem se mostrado como um caminho interessante no contexto das práticas mídia-educativas, possibilitando aos alunos a exploração da linguagem midiática como forma de expressar suas idéias, pensamentos e saberes. No entanto, esse caminho vai além de meros exercícios descontextualizados com a câmera; destaca-se a dimensão criadora na qual a experiência social, o diálogo com o outro, e a apropriação da linguagem como campo de interações possibilite compartilhar conhecimentos, usando socialmente os recursos para a produção de sentidos.

Finalmente, ressalta-se, quanto aos alunos, a necessidade de conhecê-los, ouvindo o que têm a dizer e encorajando sua participação na perspectiva do protagonismo, de acordo com a qual são percebidos como parceiros na definição de ações que possam potencializar as experiências e os conhecimentos que trazem para a escola.

Ao realizar esta pesquisa busquei construir interpretações de um dado contexto, oferecendo modos de compreendê-lo, a partir de um olhar específico, histórica e culturalmente situado. Deste modo, enfatizo que as considerações aqui apresentadas não resultam da pretensão de formular teorias que dêem conta de sua totalidade ou de assumir algum tipo de previsão do futuro. Mas, ao colocá-las em relevo, acredito na possibilidade de contribuir para que novas reflexões sejam postas, compartilhando

idéias e preocupações que apontem alternativas possíveis de ação e favoreçam a construção de outras narrativas do presente.